

Cartas para Educadores

Letters to Educators

Ivana Alves de Souza dos Santos
Albanita Lopes dos Passos
Nerize Portela Madureira Leoncio
Náira Nunes de Sousa
Fredyson Hilton Figueiredo Cunha
Gilmário Gois de Souza

439

Resumo: Os organizadores deste dossiê pediram a professoras e professores da educação básica que pudessem sistematizar algumas reflexões sobre o ensino de artes para compartilhar em forma de carta a um interlocutor imaginário. Como vamos nos tornando educadores em diálogo com as/os educandas/os? O que destacar dos aprendizados construídos na experiência concreta de sala de aula? Que desafios nos foram trazidos pela Pandemia de Covid-19? As oito cartas aqui organizadas são expressão de dedicação, esperança e coragem, e pretendem ser uma homenagem aos mais de dois milhões de professoras e professores atuantes no Brasil.

Palavras-chave: educação básica, ensino de artes, experiência.

Abstract: The organizers of this dossier asked basic education teachers who could systematize reflections on the teaching of arts to share in the form of a letter to an imaginary interlocutor. How do we become educators in dialogue with students? What can we highlight from the lessons built into the classroom experience? What challenges did the Covid-19 Pandemic bring to us? The eight letters organized here are an expression of dedication, hope and courage, and are intended to be a tribute to the more than two million teachers working in Brazil.

Keywords: basic education, arts education, experience.

Salvador - BA, 20 de julho de 2021

Querido(a) leitor (a)!

Te escrevo essa carta com muito carinho e afeto, para que saibas que estás no caminho certo e que fizeste da docência a perfeita escolha. Quero te dizer, que apesar dos desafios e delícias, a docência tem sido a minha casa, e como bem sabemos, casa é lugar onde depositamos nossa energia, onde repousamos, depositamos nosso afeto e nos sentimos aconchegante, claro, que em alguns momentos queremos as vezes até sair um pouco da rotina do nosso lar, mas, logo a saudade bate, e percebemos que é na nossa casa que nos sentimos bem e repletos de afeto. E refletindo sobre tudo isso, no chão da escola não é diferente, fazemos dela a nossa segunda casa, e é lá que



enfrentamos gigantes e lutamos diariamente pelo direito do aluno estudar, por garantir materiais didáticos aos educandos, lutamos também por uma educação de qualidade e acessível para todos, todas e todxs e no percurso dessa luta, enfrentamos desafios como a falta de matérias para trabalhar, falta de infraestrutura, acessibilidade e agora na pandemia com o comando do desgoverno fascista temos vivenciado todas essas coisas de maneira mais explícita com o desmonte da educação, onde o atual presidente negou o pedido de acessibilidade de internet aos estudantes, tem negado a ciência, cortado verbas orçamentárias para as pesquisas e tem negado o direito da educação aos estudantes e suas famílias. Caríssimo (a) amigo (a), inegavelmente a luta nesses últimos dias, tem sido árdua, desgastante, difícil, mas não impossível. E como armamento de luta, temos feito dos livros e do conhecimento nosso colete de defesa para todos esses ataques, e felizmente a arte nesse momento, tem sido nossa maior aliada. A arte falada, pintada, coreografada, fotografada, contracenada tem sido o palco para lutarmos, libertarmos e expormos os personagens guerreiros e diversos que existe dentro de nós.

Na arte, podemos ser quem bem quisermos ser, podemos sonhar, imaginar, experimentar, deleitar, viajar, compartilhar, partilhar e vivenciar tudo o que um dia almejamos tornar real, aliás é importante dizer, que com a arte libertadora o irreal é real!

Por isso, caro amigo(a) quero te dizer, que apesar de todo desmonte atual, ainda vale a pena, sonhar, desejar e almejar, a escola dos nossos sonhos, tudo é possível se formos corajosos o suficiente para sermos e conquistarmos o que almejamos. Por isso, encerro nossa conversa te aconselhando, seja forte, resiliente e persistente. O que fizeres, faça com carinho e afeto, seja verdadeiro(a), dê o seu melhor, não hesites em lutar e tenhas a arte como sua aliada nesse percurso. Muito sucesso na sua caminhada e até breve.

Com amor,

Ivana Alves de Souza dos Santos

ivana.laura@outlook.com



Ivana Alves de Souza dos Santos tem 22 anos e é estudante do curso de licenciatura plena em pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Essa carta foi escrita com muito carinho e afeto, e se destina a qualquer docente ou pessoa interessada na educação do nosso país, que não deixe nenhum a menos de fora.

Peruíbe - SP, 19 de julho de 2021

Camarada Profê,

Saudações para quem tem coragem!

Ser professora nesse país já é indicativo de coragem. Afinal a conjuntura educacional no Brasil nunca foi tão desafiadora. De acordo com minha percepção o ambiente escolar e suas relações apontam para o reflexo da nossa sociedade. Portanto é notório avaliar que as nossas práticas pedagógicas e democráticas estão sob forte ameaça.

O contexto é desanimador, inflexível e duro demais. Mas ainda assim confesso que nunca estive com tanta vontade de fazer melhor e resistir.

Então utilizo da Arte como refúgio e estabeleço em minhas ações a partilha dessas experiências, intuindo que o que é bom pra mim, pode ser compartilhado com generosidade.

Caso você esteja apenas começando sua carreira docente, ou mesmo esteja refletindo sobre que tipo de educador você é, segue algumas considerações:

Seja você mesmo, e não se perca. Os seus acordos internos são os últimos a serem rompidos;

Ser professora/professor é antes de qualquer coisa, ter o foco em Pessoas;

Respeite a história, o tempo e o lugar, com certeza ou desafios serão menores;

A essência do processo de aprendizagem é o relacionamento construído entre as partes;

Ensine Arte como quem ensina a voar, pois alunas e alunos são como pássaros, e só diferem no tamanho das asas...

Enfrente os seus medos e exaustivamente faça o seu melhor possível.



Não será fácil, nunca foi. Mas sempre que pensar em desistir (já pensei muitas vezes), lembre-se das motivações que te fizeram chegar até aqui e reconheça que só alcançou a metade da jornada.

Ajuste a rota e recomece quando e como quiser, quantas vezes julgar necessário. Sem pressão!

E sobre o componente Arte, suas possíveis mudanças curriculares, o que está sendo previsto nos próximos planejamentos, matrizes, diretrizes, resoluções e percursos? Não é minha prioridade.

Prefiro crer na Educação com propósitos e como instrumento de transformação e de afeto. E como já ensinava o mestre Paulo Freire, que educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.

Com respeito e admiração,

Albanita Lopes dos Passos

passosbani@gmail.com

Professora, especialista em Educação Inclusiva. Faz da arte o seu instrumento de transformação, é arteira, batuqueira, feminista, escreve, conta histórias e poesia. Amante do mar.

Porto Seguro – BA, 19 de Julho de 2021

Carta aos etern(e)s aprendizes na arte de educar:

A primeira dica que posso dar é: use seu coração acima de sua cabeça. Deixe seu coração lhe guiar por mais que haja cobranças pela razão de todos os lados.

De minha humilde experiência como educadora, as situações mais bem-sucedidas foram aquelas em que senti verdadeira conexão com os estudantes, aprendizes e jovens. Ir contra os planejamentos, dar um rumo diferente, ter o coração aberto é necessário, ao perceber que algo não está dando certo.

Muitas vezes, eu também não soube como agir sem os planos, fiquei perdida e isso também é treino. Muitas vezes não sabemos como lidar no acaso e na improvisação, pois isso requer muita sabedoria e mandinga (como se diz na capoeira). A mandinga é o ato de saber se safar e ter a expertise para lidar com situações imprevistas. E é algo que surge em vários contextos, mas é muito forte num contexto de poucos recursos, num contexto de grande evasão



escolar, quando se tem que lidar com muitos problemas sociais para além da sala de aula. Nos lugares onde se tem menos recursos tradicionais, pode haver uma brecha pra muitos improvisos interessantes. Basta usar a criatividade, perceber o que está a volta, materiais do ambiente, entender as pessoas que fazem parte dele, é preciso estar sensível e se envolver. É preciso, também, recuperar de nosso HD interno de memórias, de nossas vivências, buscar uma ideia que possa servir para cada situação específica.

Antes de criar qualquer planejamento perceba os estudantes! É preciso que notemos eles. É preciso saber que crianças/jovens são estes, quais são suas histórias, de onde eles vêm. Use-os como pontos de partida para suas escolhas. Quais seus conhecimentos prévios, suas preferências? Seja democrático, converse para saber o que pensam, discuta os projetos e deixe que participem das decisões. Aprenda com eles!

É muito fácil nos deixarmos seduzir pela ideia de enquadrar alguns como alunes-problema, para simplificar certas situações. Mas para nós o exercício de autocrítica é sempre importante. Rever nossos métodos, buscar saber o porquê de certos estudantes não se sentirem envolvidos. No geral, estes têm muito a nos ensinar. Pois 'é através deles que podemos pensar e exercitar nossa criatividade, desenvolver novas abordagens.

Mas também é preciso um equilíbrio e autocuidado, para não se criticar tanto! Afinal vida de professor não é lá muito fácil, dizem por aí né? E tem coisas que estão para além de nosso alcance. Mas na medida do possível sempre que puder se envolver e descobrir o que está para além das entrelinhas pode gerar bons resultados. Seja alegre, envolvente, procure deixar seus próprios problemas em casa, cante, dance, faça práticas corporais, comece a aula de um jeito diferente, use a criatividade, surpreenda-os, isso vai gerar resultados maravilhosos e surpreendentes.

No Congado, manifestação da cultura popular brasileira, tem uma frase fantástica do Capitão que diz: Vamo fazê Maravilha! Que é o momento do ponto alto da Festa, quando todos sentem essa maravilha, no corpo e n'álma. Reverberando por todos os poros, é uma energia capaz de curar e revigorar a todos numa energia nova, a cada ano. Portanto, deixemos, caras e caros



educadores, essa maravilha acontecer! Em sala de aula, ou onde quer que seja seu espaço educativo, não estanquemos estes fluxos!

Os planejamentos são importantes sim, para se criar um objetivo, mas estes objetivos devem estar pautados no interesse de todos. É também uma maneira de desenvolver a capacidade deles de autonomia, planejamento, de foco pra atingir uma meta específica, de começar um projeto e finalizar.

Mas quando se trata da arte, da inventividade e da liberdade de criação, é preciso que os conteúdos, saberes e fazeres dialoguem com cada um ali presente. É preciso que a arte os impacte profundamente, que saibam como utilizar e tirar partido dos recursos que têm à mão, que saibam dialogar a arte com sua própria história de vida, levando em conta, passado, presente e futuro.

Seja humilde e esteja preparado para abrir mão dos planos quando perceber que não há empolgação, reação, participação ativa, interesse. Que possamos deixar nossos próprios egos de lado, e deixar que nossos jovens aprendizes possam brilhar. Desconfie dos bocejos, ou da inércia de quem parece quieto e atento. Prepare-se e acolha os acasos que desencadeiam experiências riquíssimas, inesperadas e pulsantes.

Talvez nunca estejamos preparada(o)s de fato, mas, esteja aberto a acolher seus próprios erros também, olhando para eles com carinho e tentando acertar da próxima vez.

No campo da arte em si, e em outros, que sua abordagem não vá pela via do excessivo conteudismo, que pouco ou nada dialoga com a realidade local. Tanto seleção dos conteúdos, quanto a escolha de formas de abordagem, devem ter um propósito em mente.

Nas artes da pintura, que saibamos valorizar os "Picassos", mas também as "Marias Auxiliadoras". Na literatura os "Machados de Assis", mas também as "Carolinas Marias de Jesus". Na música os "Chicos Buarques", mas também os Mestres e Mestras da Cultura Popular. E os artistas populares do seu bairro? Da sua rua, cidade ou região? E os da sua esquina? Que estes jovens possam perceber a dimensão da arte que também está ao seu lado, nos mais velhos, como saber. Como coisa possível do espírito, não como um campo afastado, mas sim da dimensão sagrada da criação, possível a qualquer



um, independente de talento, julgamento de valor, fama, sucesso, reconhecimento, sensibilizando o olhar e despertando em cada um, suas próprias potências criadoras.

Abraços e boa sorte na nova caminhada!

Nerize Portela Madureira Leocio

nerize@gmail.com

445

Mineira, mas enraizada na Bahia desde a década de 90, Nerize Portela é artista visual, pós-graduada em Dramaturgias do Corpo e dos Saberes Populares pela UFSB. e professora em formação. Apesar de escrever desde a infância, apenas recentemente tem publicado seus textos e poesias de forma escrita e de maneira multidisciplinar, intercalando a poesia, o audiovisual, a performance e as artes visuais.

Itabuna - BA, 19 de julho de 2021.

Minha querida sobrinha

Como você está nesta escrita de tese durante a pandemia?

Você não imagina, fui realocada em uma outra escola. O desafio agora tem sido ainda maior. Você acredita que estou trabalhando com uma turma de pré-escola, 4 anos!

Ao longo da minha vida acadêmica eu passei por vários professores de artes muito bons, e também aqueles que não tinham especialização em artes, eram professores de outras disciplinas que para fechar a carga horária, simplesmente, mesmo tendo formação em outra área, ficava responsável pelo componente artes.

Durante toda a minha vida sempre tive facilidade com a disciplina “artes”, antes, educação artística. Salvo quando misturada a geometria, aí já não tinha habilidade. Todavia na hora de representar, cantar, ou criar me sentia muito à vontade.

Minha experiência como professora de artes já é um tanto diferente. Lembra quando você me orientou para fazer a inscrição do curso de especialização. Pois é! Fico muito grata, porque este curso abriu minha mente e me deu norte para minha atuação como professora de artes nas turmas de 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental 1. Sem esta especialização eu seria uma pedagoga tentando me adaptar a disciplina Artes.



Tive experiências maravilhosas nessas turmas; desde reviver as tradições das histórias dos lugares, lembrando por exemplo o trabalho das lavadeiras no Rio Cachoeira, Itabuna-BA. As lavadeiras tinham costume de se juntar nas pedras do rio para lavar as roupas e iniciavam uma cantoria, esses cânticos exultavam as correntezas do rio e a história da cidade. Em outras aulas fazíamos coreografias com danças afro, capoeira, samba de roda, onde as crianças apresentavam para toda a escola, destacando a história de cada estilo musical, o bumba meu boi, carnaval, mostrando as diferenças que existem entre Rio de Janeiro, Salvador, Olinda.

No projeto ciranda, as crianças pesquisaram com as avós quais cirandas elas costumavam cantar e em que momento elas dançavam essas cirandas. Então com as pesquisas em mãos, as crianças realizavam várias atividades, como, paródias, de acordo com o tema trabalhado na escola: meio ambiente, direito das crianças, entre outros. Também representaram por meio de desenhos e peças teatrais. Ah! E é claro que fizemos rodas de ciranda para nos divertir, foi tudo muito bom.

Nas releituras de quadros com artistas brasileiros Tarsila do Amaral, com a tela A boneca, onde as crianças da educação infantil, 4 anos, fizeram a pintura com tinta guache e pincel sob minha orientação, e no lugar da boneca, colocaram a foto de seus rostos. Na obra de Romero Britto, fizemos releituras de alguns dos seus quadros trabalhando as cores primárias e secundárias. Fizemos poesias, com sarau de vários poetas: Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, entre outros. E na música? Fizemos musicais, cantadas de natal. Enfim foram experiências muito boas e prazerosas.

Contudo nesse período pandêmico ficou um tanto complicado trabalhar com o ensino remoto EAD com as crianças, tem sido um grande desafio. Fico tentando imaginar como planejar, organizar meus pensamentos, minhas experiências, nesse contexto onde não tem a presença dos alunos nessa terra idade, e que precisamos contar com a participação e apoio da família para o bom desempenho e desenvolvimento das crianças.



E como já citei antes, esse ano fui realocada de escola e agora estou lecionando na educação infantil 4 anos, o que torna o desafio ainda maior, pois os pequenos precisam de atenção redobrada, uma vez que o processo lúdico envolve a arte em todos os aspectos da aprendizagem para melhor desenvoltura dos aprendizes. Sendo que no ensino remoto ficamos reféns da disponibilidade dos pais ou responsáveis.

Para mim, é um pouco frustrante não estar com as crianças presencialmente no ambiente escolar. Além da aula que postamos nos grupos com os pais, precisamos adicionar vídeos explicando as atividades.

Bom, estou fazendo um curso para renovar minhas experiências e trabalhar melhor minha imaginação, que tem sido maravilhoso e muito bem conduzido, trabalhando com textos de Rubem Alves como “A menina e o pássaro encantado” que remete ao poder da imaginação e a liberdade que ela proporciona, “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” falando sobre a escola da ponte. Outro texto trabalhado foi o de Cláudio Thebas “Depois que a gente brinca a gente fica amigo” que é um capítulo do livro “O palhaço e o psicanalista” que mostra como brincar torna as experiências mais interessantes, entre outros. Minha imaginação está a mil!...

Sem mais no momento. Espero que você esteja desenvolvendo bem a sua tese.

Beijos,

Tia Náira

Náira Nunes de Sousa

naibi_nunes@hotmail.com

Náira Nunes é uma mulher baiana e mãe de Gabriel Nunes. Já atuou como radialista, é cantora e professora do ensino Fundamental I. Mulher de fé, católica. Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Pedagogia das Artes.

Cuiabá - MS, 29 de setembro de 2021

Caríssimas Pessoas parceiras da Educação e das Artes, espero que esta, ao lhes encontrar, possa ecoar como um abraço e um dedo de prosa, coisa de se sentar em roda e deixar fluir.



Desde muito pequeno, quando minha mãe escrevia cartas à mão em papel pautado de caderno que aprendi (com ela) a fazer uma saudação de abertura para o que viesse de assunto, fosse o que fosse: comunicar nascimentos, passamentos, trocar informações do cotidiano, manter vínculos afetivos. Eu sempre fui um fiel defensor das cartas, das antigas mesmo. Neste momento, a que escrevo não vem em papel pautado, mas espero que alimente uma rede de escutas e falas e, a partir daí, dos nossos compartilhamentos, possamos fazer a jornada menos solitária.

Este relato talvez não difira tanto de muitos outros, mas carrega em si meus sentidos e sensações de perceber-me num caleidoscópio assustador de experiências que ainda mal processadas, já nos jogava num patamar superior de horrores. Sem tempo de respiro e retomada.

Não sou muito bom em construir linhas do tempo, essa organização linear quase nunca me seduz, porque as paisagens do caminho vão sempre abrindo outros caminhos e, frequentemente, gosto de fazer longos percursos até chegar onde havia determinado originalmente. De todo modo, acredito ser elegante dar pistas de quem eu sou e do que faço, isso forma imagens com as quais dialogamos segundo nosso repertório imaginativo. Assim, diante de um pouco de informações, cada pessoa que me construa o mais palatável para si.

Sou professor da rede pública federal há 26 anos. Bailarino há mais de 3 décadas. Uma licenciatura em Educação Física, especialização em Psicanálise, mestrado em dança, doutorado em dança (a concluir). Parece um bom começo, pois dá uma certa pompa nos meios acadêmicos quando os títulos chegam antes da gente. É uma ironia, obviamente. Sobretudo quando o que eu quero dividir não passa por este instrumental e não enxerga quanta angústia um corpo é capaz de sentir ao ficar aprisionado e ameaçado de morte. Não há título que salve.

No início todos imaginamos que a onda que nos varreria não seria tão grande. Tão longa. E agora, passados mais de 18 meses do fatídico março de 2020, em que a seriedade do que estava acontecendo foi comunicada, estamos aqui, contando cadáveres diariamente, centenas, milhares.



Distopia, na minha percepção, anda de mãos dadas com privação, opressão, desespero. Eu gostaria de falar de uma experiência pedagógica e artística que tenha me alimentado, que tenha me mantido vivo neste tempo. E, num primeiro momento, não consigo. O corpo não responde, porque vai absorvendo e entendendo que não dá pra seguir, não há aulas com toques, com presenças, com danças. Não há rumo para seguir, pois, propositalmente, de forma criminosa, fomos tratados como cobaias. Não vou citar os nomes dos assassinos, todas as pessoas que lerem esta carta, saberão construir essa lista com a mesma fúria que me toma quando penso em suas existências inúteis. Seus nomes não ocuparão minha boca.

De todo modo, quando Conceição Evaristo disse essa frase: “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”, um tanto de vida fez calor dentro do meu corpo, mexendo nas minhas vísceras. Pode ser um marco imaginado, mas ali eu pude sair de um torpor que me paralisou por meses, enclausurado dentro de casa. Procurei ajuda para conseguir vencer o medo do novo, fui engatinhando nas teclas e nos recursos.

Não quero parecer um saudosista, daqueles que acham que o passado é sempre onde as melhores coisas estão. De forma alguma, cada tempo tem seu roteiro e com ele, suas delicadezas, assombros e atravessamentos. E, por pensar na urgência do momento, as pessoas que me deram a mão e me ensinaram a caminhar neste universo de uma presença inventada, foram meus alunos e alunas, jovens do ensino médio, que se mostraram os melhores professores de seu professor. Tinha ali uma pedagogia entrelaçada e um amor gigante me movendo, uma alternância sobre quem-ensina-quem-aprende.

Depois daquele marco de afeto, ainda houve muito riso, muito choro. E toda emoção que me vivificasse, tornando nossos encontros semanais mais leves iam restaurando minha confiança naquilo que me dá um lugar no mundo, onde me sinto importante, ser professor é um pedaço de mim. Pudemos compreender que há afeto também pelas telas e assim, um dia de cada vez, fomos caminhando de mãos dadas.



Tem, a reboque de todas essas descobertas, um volume de trabalho insano. Uma burocracia nunca antes experimentada. Mas aí eu prefiro não azedar essa carta com estas histórias.

Vencida essa paralisação inicial, aos poucos fui retomando os meus caminhos na dança. Tantos projetos foram cancelados, uma expectativa de reencontro com as pessoas, os espetáculos, os laboratórios, tudo isso foi se reapresentando de um jeito novo. A dança veio novamente pelas telas. Entre nós aqui eu posso dizer, foi bem estranho. Eu resisti um tantinho, mas fui me permitindo a troca com parceiros e parceiras que, também, tiveram muita paciência comigo.

Posso dizer que tenho ficado feliz comigo em muitos momentos, que tenho tentado ser gentil com minhas limitações e muito mais aberto para novas experiências nas pedagogias e nas artes. Fui alçando vôos, tímidos, mas cada um de nós é que sabe a potência das asas pra se sustentar nos ares, fazer a travessia dos abismos.

Eu poderia, com uma certa vaidade, confesso, dizer que me surpreendi comigo em muitos momentos. Com ajuda, pude ampliar o espectro de atuação e acolher um universo maior de pessoas, com as quais as trocas criam vínculos. Não se trata de listar realizações, mesmo não as desprezando, porque elas são uma forma de materializar as etapas do caminho. Mas, traduzidas em uma simbologia do mover constante, em corpo, afeto, parcerias, quedas, recuperações, tristezas, conexões que não seriam possíveis em outros momentos.

A vida vai engrenando de alguma forma, uns dias mais pesados, uns dias de intensa alegria. Tenho conversado com meus alunos e alunas e também as pessoas parceiras de dança, que as lacunas ficarão como uma paisagem nas nossas histórias, acredito que não superaremos muitas coisas. No meu caso, essa falta também me move. É por ela, a falta, que, talvez, eu possa mergulhar em um tempo futuro nos buracos que se abriram em mim, em nós. Aconchegarmo-nos na falta até que ela tenha maciez de colo.

A experiência pelas telas tem me mostrado que tocar corpos ganha um sentido novo a cada encontro. Tem sempre uma falta em algum canto desse



espaço. A falta é prima em primeiro grau da ansiedade. Uma projeção que nos tira do agora e carece de controle. O privilégio de atuar como bailarino neste momento tem sido curativo ao poder dividir com outras pessoas, em suas intimidades, essas e outras dores. Essas e outras alegrias. Exemplo vivo do momento é um dos projetos em que atuo, fazendo a preparação de corpo de uma companhia de dança paulistana, a “Ouvindo Passos Cia de Dança”. Ali, pessoas pretas nos juntamos para dançar, para brincarmos com nossos corpos, fabularmos um futuro próximo e tornarmos a caminhada menos solitária. Tem frescor, afeto e fúria nos nossos encontros.

Os dias vão passando menos sofridos. O professor e o bailarino estão vivos e com desejos de abraços reais. Que essas luzes que se aproximam não sejam como as de geladeira, que alumiam, mas não aquecem.

Ao encerrar essa nossa conversa, espero que as palavras e as danças nos unam em cartas infinitas, a vontade das trocas nos aproxime e sigamos sabendo que sozinhos e sozinhas não tem graça alguma a existência. Abro-me para receber suas danças, suas palavras, suas cartas. Contem-me sobre seus dias.

Abraços apertados.

Fredyson Hilton Figueiredo Cunha

fredysoncunha@terra.com.br

Intérprete-criador e docente-pesquisador com Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso e Mestrado em Artes pelo Instituto de Artes da UNICAMP, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP. Tem experiência e interesse na pesquisa em danças brasileiras, dança contemporânea e criação coreográfica. Formação de bailarino em dança clássica, contemporânea e dança-teatro.

Salvador - BA, 30 de julho de 2021

Escrever uma carta nos tira da inércia. São muitos movimentos que se apresentam no simples ato de escrever. Movimentos como pegar na caneta/lápis, sentar-se numa confortável posição, ou se largar na cama, rabiscar as primeiras palavras, organizar o pensamento, rememorar... Movimentos externos e internos reunidos numa forma de comunicação e expressividade que há tanto tempo não uso. Tenho na memória a lembrança



de ter escrito uma carta na minha adolescência, quando ainda morava em Olindina, minha cidade natal. Hoje tenho 36 anos. Que gostoso é escrever uma carta! Para a “geração Z”, é cringe! (risos)

A memória. Tema que tenho estudado nos últimos dias, é como um movimento interno, uma viagem íntima, para dentro de si, em que o ponto de partida e destino final, somos nós mesmos. Nessa viagem carregamos de cada estação os encontros com muitos outros trajetos interiores. Fruto desses encontros, brotam todas essas letras, todas essas palavras que se unem, e reúnem emoções e histórias às vezes desconhecidas.

É sobre essa história desconhecida que eu quero escrever. Antes, pretendo endereçar esta carta a todos os colegas, professores desconhecidos, que assim como eu, desde o início dessa pandemia investiram com recursos próprios, em internet, iluminação, aplicativos, novos equipamentos no intuito de garantir minimamente a atividade docente/decente. A vocês colegas que gastaram tempo, horas triplicadas de trabalho, planejamento de atividades, organização de planilhas de notas, construção de planilhas de diagnóstico pedagógico, planilhas de monitoramento, planilhas, planilhas e planilhas.

Quero direcionar esta carta a você professor/professora de Teatro, que assim como eu precisou reinventar maneiras de dar aulas de jogos teatrais, jogos dramáticos, improvisação teatral, criação de personagem, e tantos outros conteúdos de maneira remota. Quero dedicar finalmente esta carta a você colega que segue pleno no exercício de sua função, sem qualquer apoio às condições de trabalho. Gratidão pela sua existência, ainda que desvalorizada/desconhecida.

A seguir, um discurso sarcástico, fique à vontade em não lê-lo. Neste caso recomendo pular para o próximo parágrafo: Desejo, de verdade, que você colega professora/professor, tenha conseguido fazer uma poupança nesse período pandêmico. Precisaremos dela! As escolas públicas seguem da mesma forma, senão, pior. Temos muito material didático e muito tempero para comprar.

Quando iniciei o ano letivo de 2021, na Escola Municipal Governador Roberto Santos, eu ainda colhia os frutos do exitoso projeto (En)cena EJA



Robertinho, que em 2019 estava na sua 3ª edição. Virava e mexia, o assunto norteava os encontros pedagógicos da escola, reuniões com estudantes ou mesmo eventos culturais e artísticos no nosso perfil no Instagram ou do nosso canal no Youtube: Quintal da Robertinho.

Robertinho é uma escola da rede municipal de Salvador, localizada no Cabula, bairro ocupado por grandes histórias, memórias e pela resistência de um povo: o povo negro. Existem relatos e pesquisas que dizem que a ocupação do bairro do Cabula é do período colonial, na época, os povos negros, asilados da opressão colonialista, passaram a habitar este espaço; nele se abrigaram e constituíram formas de resistência, tornando-se um dos principais quilombos de Salvador. O resultado disso, uma diversa arquitetura cultural, infelizmente, pouco percebida pela comunidade local.

O (En)cena EJA Robertinho, mencionado anteriormente, é um projeto interdisciplinar pautado na necessidade de combater posturas misóginas e racistas, opressões que ocorrem sim dentro do âmbito escolar. É o Teatro e não outra área de conhecimento que “dá liga” ao projeto. Convictos de que esse combate não ocorre com ações isoladas – 13 de maio, 20 de novembro, entre outras datas comumente escolhidas para debater o racismo no âmbito escolar - mas na constante abordagem e construção de ações afirmativas, ao longo de todo o ano letivo buscamos temas, histórias de outras pessoas, que inspirem nossa comunidade estudantil, e agregue saberes palpáveis as situações de opressão anteriormente citadas.

Naquele momento, em 2019, achei pertinente compartilhar com esses estudantes, a biografia da escritora Carolina Maria de Jesus. Foi deste ponto de partida que surgiu então, ao longo do ano letivo, a montagem cênico-didática de “Carolina e Marias”. Esta montagem, erigida ao longo de três unidades letivas, reuniu de maneira narrativa os fatos da vida de Carolina, atravessados pelas histórias pessoais de 11 mulheres, nossas Marias, estudantes da EJA, que semelhantemente a escritora, trabalhavam fora e sustentavam a casa, muitas vezes, sozinhas. Eram vendedoras de cachorro-quente, diaristas, empregadas domésticas, cuidadoras de idosos, lavadeiras. Cuidavam dos filhos, filhas, companheiros e companheiras e a noite, iam para



a escola estudar. Eram candomblecistas, espíritas, evangélicas, acreditavam em deus, não acreditavam em “nada”. Mas sonhavam aprender. Sonhavam ingressar no ensino médio. Sonhavam viver melhor. Sonhavam.

A pandemia nos paralisou. Paralisou nossos sonhos. Ficamos sem meta. Precisamos “naturalmente” - como na expressão popular que significa à força - aprender a reinventar nossos objetivos. Precisamos “naturalmente” aprender sobre resiliência. Nós professores, e elas as Marias, eles os Josés, as Carolinas, os Pedros... nossos estudantes.

Viver com o pouco parece não ser difícil, para aqueles que tem tão pouco. Só parece. O que era pouco, tornou-se menor ainda. Não tinham escolas abertas para montar uma caixa de isopor com geladinho para vender. Não podiam vender acarajé na esquina de qualquer rua. Não havia praias sendo frequentadas para que pudessem vender uma água gelada. Não era possível ganhar seu sustento como diarista, as patroas não queriam contato, a priori. Foram demitidas. Foram dispensadas. Desempregadas. Não tinham. Não podiam. Não havia. Não era possível. Não. Quantos nãos? Quantos nãos! Somado a todos estes nãos, o maior de todos os medos existia, existe ainda, e quero acreditar que vai passar: o medo de não sobreviver.

Como aprender conteúdos escolares em meio a tudo isso? Como a escola lidou com todas essas emoções, uma vez que essa instituição é composta por sujeitos, pessoas de carne, ossos e sentimentos que estavam em situações difíceis, embora cada um tenha vivido a dor de maneira própria? Quais assistências emocionais foram dadas aos estudantes, aos professores, aos trabalhadores de educação? Como as secretarias de educação, municipais e estaduais, lidaram com tudo isso? Quais frutos colheremos a partir desse momento pandêmico? O que aprendemos?

Mantenho contato com muitas das Marias do (En)cena EJA Robertinho. Temos um grupo no *whatsapp*. Mantenho contato com alguns filhos e filhas delas, que são agora estudantes da nossa escola. E no meio desses contatos, escrevi uma carta para todas as turmas da escola, dias antes de completarmos 365 dias sem aula presencial. Em um trecho dessa carta escrevi:



“[...] Já vai fazer um ano no próximo mês que não temos aula presencial. Que não nos encontramos na entrada da escola, ou não nos cruzamos debaixo da sombra das mangueiras - aquelas que ficam ao lado da quadra. Soube, inclusive, que algumas dessas mangueiras caíram, morreram, se foram... Infelizmente, assim como as mangueiras, muitas pessoas também se foram nesse quase um ano... Seguem vivas na nossa memória.

Assim como você, nunca mais fui à escola. O último dia de aula na Robertinho lembro de ter abraçado Eliel, nosso aluno na época 6º ano. Será que ele lembra disso? O que você fez no último dia de aula presencial, você lembra?

E pensar que estamos a tanto tempo sem nos abraçar. Quase um ano. Quase 365 dias. Às vezes acho que essa pandemia vai durar para sempre, e você tem essa sensação também? Tem uma canção de Renato Russo, cantor brasileiro do grupo Legião Urbana, que diz que até “o pra sempre, sempre acaba” [...].

Até aqui, muita descoberta – aprendizado? Talvez. Muitos desafios e momentos que só evidenciaram a nossa frágil condição humana. Meu desejo é que tudo isso acabe, passe/leve. Nos eleve.

Por aqui despeço-me. Sigamos nossa viagem. Guardemos nossas histórias e as pessoas queridas que se foram na memória, esta não morre jamais.

Abraços afetivos.

Gilmário Gois de Souza

gilmario.dsouza@gmail.com

Professor, ator e pesquisador na área do Teatro-Educação, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - PPGAC da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES no Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC/ UFBA, Licenciado em Teatro pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Professor de Teatro na Prefeitura Municipal de Salvador – Bahia, Professor formador do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

